



Da esquerda para a direita estão a Teresa, o Justino, o Moisés, a Zilda, o Carlos e o Jorge, alunos do IAC

COM OS ALUNOS DO IAC

Foram seis os alunos que se reuniram para falar à «Tempo» foi na tarde de uma quarta-feira, dia reservado para o desporto na escola, a círculos de interesse e outras actividades do género. Tínhamos pois bastante tempo à nossa frente

TEMPO — Como é que vocês vieram para esta escola?

Justino Mondlane — (3.º ano de mecanização) vim do Maputo. A distribuição foi feita pela Direcção Provincial em coordenação com a Direcção Nacional com base na escolha que nós alunos da 9.ª classe havíamos feito. Eu tinha escolhido o propedêutico mas depois deram-me a escolher o curso de professores ou o IAC. Escolhi vir para aqui. Nesse ano de 79 a maioria vinha de Maputo. Havia descontentamento, mas com o tempo todos acabam por gostar disto. Em 80 já foi diferente com os alunos a virem das Escolas Agrárias.

— Carlos Lopo (2.º ano de Agricultura) — Eu venho de Quelimane. Em 78 estava para ir para o Propedêutico mas como havia falta de professores na Zambézia fiquei a dar aulas. Em 1980 quiseram que eu fosse para o curso de professores mas eu pedi para ir para a agricultura e fui compreendido.

— Zilda Massango (3.º ano de mecanização) — Eu escolhi agricultura no inquérito.

T — Mas há os que vieram das escolas agrárias não é?

— Moisés Vilanculos (2.º ano de mecanização) — É o meu caso.

Andava na Escola Industrial em Sofala. Como não gostava, saí para o ensino agrário.

— Jorge Chimene (1.º ano de Sivicultura) — Eu, e aqui a Teresa (1.º ano de agricultura) foi praticamente a mesma coisa.

T — Como é que vocês vêm a vossa escola?

Z.M. — Em 1979 havia muita desorganização. Nós, os do 1.º ano de mecanização só tínhamos aulas quanto muito de desenho técnico. No 2.º ano tivemos que dar as matérias do 1.º ano. Os professores em falta só começaram a chegar no fim do 1.º semestre. Chegámos a ter por dia 5 horas da mesma

disciplina. Mas isso já está ultrapassado. Desde o ano passado que não temos falta de professores e que temos bastante material didáctico para as aulas.

C.L. — O que ainda falta são livros técnicos. A nossa biblioteca é muito pobre e com a dificuldade que os professores têm em falar português...

Z.M. — Deviam também dar textos de apoio. Perdemos grande parte do tempo a escrever o que os professores dizem.

T — **Vocês conhecem as perspectivas da vossa profissão?**

C.L. — Sim, no ano passado o Director Nacional referiu-se aos salários e às tarefas que temos que cumprir. (conforme o Decreto 4/80 temos 8 000,00 MT de entrada e 9 000,00 MT ao fim dum ano).

T — **Em geral como é que os alunos encaram esta profissão?**

Z.M. — A maioria gosta embora haja alguns dos que vêm das escolas agrárias que gostariam de estar já a trabalhar (muitas vezes são pressões dos familiares que querem que eles passem a dar algo para a casa mais rapidamente).

J.M. — Eu acho que todos, independentemente da sua origem social, gostam do Instituto.

Z.M. — Mas a maior parte dos que vieram das cidades tiveram sérios problemas a princípio. Longe da cidade, lá nos confins... Onde até havia guerra.

Eu por exemplo, que nunca tinha vivido em comunidade, antes sempre em casa, foi mesmo difícil. Muita gente queria voltar para Maputo. Depois fomos aprendendo a gostar disto. O problema agora é o da sadza (farinha de milho). É um caso sério até hoje.

M.V. — É o que está em foco. É o mata-bicho, é o almoço e é o jantar.

J.M. — O problema é grave, mas está mais relacionado com a capacidade de abastecimento por parte do Comércio Interno da província. Do programa com a Direcção Provincial constava massa, arroz, batata e farinha de milho. Massa só tiveram 1 mês e batata foi só até Abril. Como já esgotaram a quota de arroz resta-lhes a sadza.

T — **A criação da empresa agrícola do vosso Instituto irá ser a solução embora ela ainda vá de-**

morar um pouco. Mas como é que vocês passam o tempo livre?

C.L. — Temos várias actividades. Improvisámos pequenos campos para volei, andebol e futebol. Temos também em actividade o ténis de mesa, o xadrez, e o badminton. Há ainda alguns círculos de interesse orientados por professores, como a taxidermia, electrónica, campismo, astronomia, literatura, artes plásticas e está neste momento em curso em toda a escola as Olimpíadas de Matemática.

O grupo cultural polivalente da escola tem teatro, poesia, dança, canção e música ligeira. O grande problema tem sido a falta de ins-

trumentos musicais, pois artistas há muitos. O «Agrário», jornal mensal do Departamento de informação da OJM, enfrenta a falta de cera, papel e agrafos. E temos ainda uma secção de cinema que agora está parada pois a máquina tem a lâmpada fundida.

Z.M. — Há uma coisa importante que é a barreira que existe entre o IAC e a juventude de Chimoio. Os choques são constantes e estão sempre contra o IAC. Tem-se tentado quebrar esta separação convidando escolas e empresas para jogos desportivos mas as melhorias não têm sido muitas. □



Este ano já não há falta de professores